

# A escola como instituição socialmente construída

Fábio Cesar Gelati\*

## Resumo

Neste artigo objetiva-se participar do diálogo a respeito da natureza da escola, não somente como produtora e reprodutora do conhecimento, mas como espaço de transformação e humanização do homem; discutir o papel e a função da escola na convivência em sociedade; investigar o caráter institucionalizador da escola, onde e como responde às necessidades sociais e de sobrevivência, bem como seu aspecto institucionalizado, os reflexos da produção humana, da cultura socialmente construída, no modo como se faz educação. A partir das reflexões, repensar a escola, a educação; visualizar caminhos pedagógicos para que o espaço escolar contribua, efetivamente, na humanização do homem, para uma habitação e utilização dos recursos da biosfera de forma responsável, sustentável; para que a sociedade, em sua totalidade, compreenda a vida planetária de forma solidária, ética e reencontre a identidade humana planetária; regenere os paradigmas epistemológicos, a fim de que supere a barbárie, a fome, a desigualdade social, o preconceito, a ausência de amor, o ódio. Palavras-chave: Escola. Conhecimento institucionalizado. Socialização do indivíduo (conduta humana). Ambiente natural e humano. Identidade humana planetária.

## 1 INTRODUÇÃO

A escola como espaço institucional de educação é recente no contexto histórico da humanidade. A educação, a busca de conhecimento e de instrução é parte primordial e condicional na evolução do ser humano no planeta terra.

---

\* Graduado em Filosofia pela Universidade São Francisco, SP; em Pedagogia pela Universidade Católica de Petrópolis, RJ; Especialista em Gestão do Meio Ambiente pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; mestrando pelo Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina; bolsista da Capes/Fapesc; Rua São Bento, 98, Vila Alemanha, 89609-000, Luzerna, SC; [fabiogelati@yahoo.com.br](mailto:fabiogelati@yahoo.com.br)

Saviani (2000, p. 15) discute muito bem essa relação do homem com sua própria sobrevivência, existência planetária:

Com efeito, sabe-se que, o que diferencia dos outros animais, que se adaptam à realidade natural tendo a sua existência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho. Portanto, o que diferencia o homem dos outros animais é o trabalho. E o trabalho se instaura a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação. Consequentemente, o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades. É, pois, uma ação intencional.

A partir da necessidade de o homem constituir-se humano, a educação, em seu sentido primeiro, torna-se cada vez mais essencial. O homem é um ser de possibilidades, as quais precisam ser potencializadas, desenvolvidas. Em um universo em que tudo é fruto de relações, ligações, conexões inusitadas, o homem também tem a mesma regência, pois é constituído dos mesmos elementos. Tal caminho de humanização passa impreterivelmente pela via da educação. Saviani (2000, p. 17) fornece a seguinte compreensão sobre essa tarefa especificamente humana:

Podemos, pois, dizer que a natureza do homem não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da Educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

No processo de evolução do ser humano, as transformações, as construções e destruições impressionam não apenas pela magnitude de suas belezas, mas pelo altíssimo preço pago por tais conquistas com a própria vida humana. Percebem-se várias mudanças que o planeta passou desde o início de sua formação até a atual conjuntura, como também na organização geopolítica. O homem

deixou sua marca em todos os lugares possíveis do Planeta; muitas transformações aconteceram no pensamento e no espírito humano.

Desfilaram pela história várias correntes de pensamento, modelos econômicos, promessas fabulosas de melhores condições de vida, enfim, um planeta sustentável. Hoje, presenciam-se várias incertezas a respeito do criador dessas realidades, dos produtos que estas produziram, do destino da espécie humana, da vida no planeta terra; incerteza nascida na fusão: criador e criatura; incerteza que aumenta à medida que o homem toma consciência de que é parte, elemento integrante do planeta em que vive. A evolução da espécie humana tem seus momentos brilhantes como também de escuridão e barbárie; a continuidade da vida nesse planeta depende da ação e pensamento humano.

Nessa empreitada, o trabalho de Berger e Luckmann tem muito a colaborar no esclarecimento de como o homem se torna homem pelo processo de socialização, e na reestruturação dos paradigmas da escola como instituição de ensino de educação.

## 2 ESCOLA: INSTITUÍDA E INSTITUINTE

Conhece-se o homem mediante o produto de sua própria produção: “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 87). Nesse processo, todo homem distanciou-se de sua origem, culturas foram transformadas, destruídas e criadas. Muitas práticas sociais tornaram-se verdades absolutas. No âmago de tantas transformações, a educação destaca-se como a condução do homem para uma convivência. A passagem do caráter doméstico ao institucional formal caracteriza a educação como fator de importância substancial à constituição da sociedade, do Estado e de um Planeta sustentável.

A convivência do homem em grupo, em sociedade foi criando, estabelecendo um conjunto de regras. Ao tornar-se um ser social, conseqüentemente, surgiram necessidades, papéis sociais, enfim, a divisão social do trabalho também ocupou papel de grande relevância nesses novos tempos. “Toda conduta institucionalizada envolve certo número de papéis. Assim, os papéis participam do caráter controlador da institucionalização.” (BERGER; LUCKMANN, 2007,

p. 104). Para atender a tais anseios e necessidades, é primordial estabelecer paradigmas educacionais adequados e eficientes.

Na institucionalização da vida humana, a educação escolar passou a atuar no processo de socialização do indivíduo, ou seja, uma espécie de rito de passagem do indivíduo para a coletividade, no qual os interesses são comuns a todos os membros dessa coletividade. Por exemplo, atua de forma significativa na construção da rotina, na divisão do trabalho, na formação de novos hábitos, pois o mundo social está em processo de construção.

Segundo Berger e Luckmann (2007), para a estabilidade da conduta humana, os meios biológicos são insuficientes, é necessária certa ordem social. A ordem social é produto da atividade humana. Não deriva de dados biológicos, a necessidade provém do equipamento biológico do homem. “Os homens em conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações socioculturais e psicológicas.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 75).

Os autores explicam essa relação de forma dialética: homem (o produtor) e o mundo social (produto dele). O homem atua sempre na coletividade; a atuação é de forma recíproca, um sobre o outro; o processo dialético é contínuo: exteriorização e objetivação como momentos de um processo. A escola influencia e é influenciada, legitima e transforma na dinâmica da máquina social.

“O homem não somente conseguiu estabelecer-se na maior parte da superfície da Terra, mas sua relação com o ambiente circunstante é em toda a parte muito imperfeitamente estruturada por sua constituição biológica.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 70). O homem não existe em um ambiente específico, em um mundo, não está condicionado a uma distribuição geográfica específica. Seguiu à risca a determinação: “Crescei e multiplicai e ocupai a face da terra.”

“O homem, está claro, tem impulsos, mas estes são consideravelmente desprovidos de especialização e direção. Isto significa que o organismo humano é capaz de aplicar o equipamento que possui por constituição a uma ampla escala de atividades e, além disso, constantemente variável e em variação.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 70).

“O processo de tornar-se homem efetua-se na correlação com o ambiente.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 71). O ambiente é natural e humano, corre-

laciona-se com o ambiente natural e com uma ordem cultural e social específica. A sobrevivência da criança humana depende de certos dispositivos sociais, seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinado. Tais características precisam ser despertadas e desenvolvidas. Hoje, na abordagem ambiental, já não é mais possível separar o homem do planeta, como um ser estranho. O natural e o humano estão cada vez mais entrelaçados.

“A humanização é variável em sentido sociocultural.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 72). O homem constrói sua própria natureza, molda-se a partir de formações socioculturais. A escola atua de forma decisiva e marcante no processo de humanização, socialização do indivíduo, não sobrepujando a socialização primária que este recebeu. A realidade “[...] é construída socialmente.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 11). A realidade existe independentemente da vontade do indivíduo, volição. Surge uma questão: de que forma a escola, o trabalho educacional podem contribuir para a sustentabilidade da vida no planeta? O sentido da escola parece intimamente ligado ao de construção, elaboração da cultura. Se o homem é o que cria e faz, então, a escola torna-se local de aprendizagem de tal construção.

“Para entender o estado do universo socialmente construído em qualquer momento, ou a variação dele com o tempo, é preciso entender a organização social que permite aos definidores fazerem sua definição.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 157). O indivíduo tem a predisposição para a sociabilidade. Seu nascimento não lhe garante ser membro de tal sociedade. Ele torna-se membro da sociedade, é reconhecido como integrante. Para ser mais prático nessa questão, basta lembrar dos vários documentos que identificam o homem, a pessoa, o indivíduo. O ser humano, além de humano, é cidadão de algum país, de algum grupo econômico, social, político, religioso e habita em algum lugar do planeta. No decorrer do curso temporal de sua vida, o indivíduo adentra na dialética da sociedade. Inicia-se com o fato de ele assumir o mundo no qual os outros vivem. É a interiorização, torna-se o próprio mundo, há uma contínua identificação. O indivíduo torna-se membro da sociedade após a realização de certo grau de interiorização. “Não somente vivemos no mesmo mundo, mas participamos cada qual do ser do outro.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 175).

Nessa relação do homem com sua natureza biológica e culturalmente criada muito há de se pesquisar. Berger e Luckmann (2007, p. 241) colaboram muito para a visualização das tensões provenientes de tal relação:

O homem é biologicamente predestinado a construir e habitar um mundo com os outros. Este mundo torna-se para ele a realidade dominante e definitiva. Seus limites são estabelecidos pela natureza, mas, uma vez construído, este mundo atua de retorno sobre a natureza. Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso se produz a si mesmo.

A finalidade da educação, da instituição escola, sempre foi abordada pelos pensadores. Tais questionamentos revelam que, em todos os momentos históricos que exigiam certas mudanças, transformações, de alguma forma se fazia necessário legitimar, formar e instruir o ser humano, preparar a terra para que as ideias germinassem e produzissem frutos. Por essa relação ser dinâmica, a educação sempre esteve presente nos momentos decisivos da humanidade, mesmo que de forma singela, desprovida de luz própria. O trecho subsequente ilustra a dinâmica:

O indivíduo apreende-se a si próprio como um ser ao mesmo tempo interior e exterior à sociedade. Isto implica que a simetria entre a realidade objetiva e a subjetiva nunca é uma situação estática, dada uma vez por todas. Deve ser sempre produzida *in actu*. Em outras palavras, a relação entre o indivíduo e o mundo social objetivo assemelha-se a um ato continuamente oscilante. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 180, grifo nosso).

A escola, em seu processo educativo, deve colaborar na conscientização do indivíduo como pessoa e membro de uma sociedade. Explicita a convivência da realidade objetiva e subjetiva, em que a realidade objetiva “Tem uma história que antecede o nascimento do indivíduo e não é acessível à sua lembrança biográfica. Já existia antes de ter nascido e continuará a existir depois de morrer.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 86). É a ideia de tradição das instituições existentes, tem caráter de objetividade.

“[...] a realidade subjetiva depende assim sempre de estruturas específicas de plausibilidade, isto é, da base social específica e dos processos sociais exigidos para sua conservação. Só é possível um indivíduo manter sua autoidentificação como pessoa de importância em um meio que confirma esta identidade.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 205).

### 3 ESCOLA: ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

O que a sociedade admite como conhecimento vem a ser coextensivo com o cognoscível. O conhecimento aprendido no curso da socialização serve de mediação na interiorização pela consciência individual das estruturas objetivadas do mundo social. O conhecimento desempenha função vital na dialética fundamental da sociedade.

Programa os canais pelos quais a exteriorização produz um mundo objetivo. Objetiva este mundo por meio da linguagem e do aparelho cognoscivo baseado na linguagem, isto é, ordena-o em objetos que serão aprendidos como realidade. É em seguida interiorizado como verdade objetivamente válida no curso da socialização. Desta maneira, o conhecimento relativo à sociedade é uma realização no duplo sentido da palavra, no sentido de aprender a realidade social objetivada e no sentido de produzir continuamente esta realidade. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 94).

A percepção da realidade ocorre a partir do conhecimento institucionalizado e com o particular de quem observa. O que a visão do indivíduo alcança, isto é, aquilo que se compreende e de acordo com o que se é formado, educado.

Conhecimento socialmente objetivado: corpo de verdades universalmente válidas sobre a realidade. Os significados da atividade institucional são concebidos com “conhecimento” e transmitidos como tais. Os desvios radicais da ordem institucional têm caráter de afastamento da realidade. Os desvios são considerados: depravação moral, doença mental, ignorância crassa. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 93).

O conhecimento é elemento indispensável na institucionalização. A instituição cristaliza-se e perdura no tempo, o mesmo corpo de conhecimento serve de descrição objetiva dela empiricamente verificável; o mesmo corpo de conhecimento é transmitido à geração seguinte, é aprendido como verdade objetiva no curso da socialização, interiorizando-se assim como realidade subjetiva. Essa realidade tem o poder de configurar o indivíduo.

Para aprimorar esse diálogo, Saviani (2000, p. 19) diz: “Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular.” Escola não só transmite cultura erudita, mas transforma o espontâneo em refinado e elaborado. Escola, educação não é entrada e saída de pessoas, é espaço de trabalho, de um trabalho que colabora com o processo de humanização; para alcançar tal finalidade deve ser clássica:

Ora, Clássico na escola é a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir. É aí que cabe encontrar a fonte natural para elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades da escola, isto é, do currículo. Um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria. (SAVIANI, 2000, p. 23).

Essa discussão segue seu curso por gerações, tem-se apenas como certeza o ponto de partida e cabe ao indivíduo fornecer a direção ao destino da humanidade.

Em suma, pela mediação da escola, dá-se a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita. Cumpre assinalar, também aqui, que se trata de um movimento dialético, isto é, a ação escolar permite que se acrescentem novas determinações que enriquecem as anteriores e estas, portanto, de forma alguma são excluídas. Assim, o acesso à cultura erudita possibilita a apropriação de novas formas através das quais se pode expressar os próprios conteúdos do saber popular. (SAVIANI, 2000, p. 27).

#### **4 EDUCAÇÃO: BERÇO DA HUMANIZAÇÃO DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE**

O verbo aprender ao ser pronunciado traz lembranças simples sobre a história de vida de cada indivíduo. Ao pensar a respeito da temática percebe-se que não é tão simples assim. As exigências são grandes e demandam uma envergadu-



ra profissional ampla; envolve, também, tempo, paciência, dedicação, estratégias para concretizar os objetivos. Saviani (2000, p. 25) ajuda na compilação do sentido do aprendizado:

[...] que só se aprende, de fato, quando se adquire um *habitus*, isto é, uma disposição permanente, ou, dito de outra forma, quando o objeto de aprendizagem se converte numa espécie de segunda natureza. E isso exige tempo e esforços por vezes ingentes. A expressão “segunda natureza” me parece sugestiva justamente porque nós, que sabemos ler e escrever, tendemos a considerar esses atos como naturais. Nós praticamos com tamanha naturalidade que sequer conseguimos nos imaginar desprovidos destas características.

As marcas deixadas pela socialização primária acompanham o indivíduo pela totalidade de sua existência. Mas esse caminho é mediado, sofre muitas interferências das mais diferentes procedências. Um dos pensadores que procurou elucidar a questão da escola como um dos atores importantes na constituição humana do homem é Bourdieu, o qual é refletido por Nogueira (2004, p. 27):

O conceito de *habitus* seria assim a ponte, a mediação, entre as dimensões objetiva e subjetiva do mundo social, ou simplesmente, entre a estrutura e a prática. O argumento de Bourdieu é o de que a estruturação das práticas sociais não é um processo que se faça mecanicamente, de fora para dentro, de acordo com as condições objetivas presentes em determinado espaço ou situação social. Não seria, por outro lado, um processo conduzido de forma autônoma, consciente e deliberada pelos sujeitos individuais. As práticas sociais seriam estruturadas, isto é, apresentariam propriedades típicas da posição social de quem as produz, porque a própria subjetividade dos indivíduos, sua forma de perceber e apreciar o mundo, suas preferências, seus gostos, suas aspirações, estariam previamente estruturadas em relação ao momento da ação.

Para Bourdieu, o *habitus* é o princípio gerador duravelmente armado de improvisações regradas. O *habitus* não é um conjunto de regras comportamentais inflexíveis. Dessa forma, o indivíduo, a cada nova conjuntura, precisa adap-

tar-se. É nesse ato adaptativo que *habitus* revela sua importância. De acordo com Nogueira (2004, p. 28), a adaptação pode ser positiva ou negativa.

Mas pode-se perguntar: qual é a origem do *habitus*?

O autor insiste que o *habitus* seria fruto da incorporação da estrutura social e da posição social de origem no interior do próprio sujeito. Essa estrutura incorporada seria colocada em ação, no entanto, ou seja, passaria a estruturar as ações e representações dos sujeitos, em situações que diferem em alguma medida, das situações nas quais o *habitus* foi formado.

Quando se age tudo acontece ao mesmo tempo. Não há fragmentação. O pensamento é ação, a teoria é prática, e a prática é teórica. Tal agir não é dado ao homem, mas é construído socialmente por ele. Nogueira (2004, p. 30) relata, a seguir, como os indivíduos agem:

Eles simplesmente agiriam de acordo com o que aprenderam ao longo de sua socialização no interior de uma posição social específica e, dessa forma, nos termos de Bourdieu, confeririam às suas ações um sentido objetivo que ultrapassa o sentido do subjetivo diretamente percebido e intencionado.

Quando se adquire algo, isso se incorpora ao ser. Não há mais como retornar ao estado de não saber, após descobrir a realidade da existência humana. “Adquirir um *habitus* significa criar uma situação irreversível. Para isso, porém, é preciso insistência e persistência; faz-se mister repetir muitas vezes determinados atos até que eles se fixem.” (SAVIANI, 2000, p. 26). Nesse trecho, pode-se entender a força transformadora que a educação possui: torna-se parte da vida da pessoa.

A pessoa envolvida pelo processo educativo transforma-se a cada encontro com o conhecimento sistematizado. Berger e Luckmann (2007) colocam o problema da coerência entre as interiorizações primitivas e novas. Como construir nova realidade subjetiva em uma personalidade já formada e um mundo já interiorizado? São necessários procedimentos conceituais para integrar diferentes corpos de conhecimento. Este deve ser adquirido como aprendizado, de acordo com as sequências de cada conhecimento específico. “As funções da socialização

secundária têm um alto grau de anonimato, sendo, portanto facilmente destacáveis dos executantes individuais. O mesmo conhecimento ensinado por um professor poderia também ser ensinado por outro.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 189).

O conhecimento para ser interiorizado necessita de técnicas pedagógicas específicas. É necessário tornar os conhecimentos vivos, conectados com a vida do indivíduo. Tais técnicas variam de acordo com a motivação que o indivíduo tem diante do novo conhecimento. Pode-se citar, como exemplo, o aprendizado de línguas. A pessoa deve mostrar-se capaz de pensar na nova língua. Quanto mais tarde se iniciar tal aprendizado, a realidade da primeira língua não será obtida: a língua materna, de caráter afetivo.

Uma característica perceptível é o grau de envolvimento a novas situações:

O indivíduo entrega-se então completamente a nova realidade. Entrega-se à música, à revolução, à fé, não apenas parcialmente, mas com o que é subjetivamente a totalidade de sua vida. A facilidade com que se sacrifica é evidentemente a consequência final deste tipo de socialização. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 193).

## 5 CONCLUSÃO

Educação! Tem-se muito a buscar, compreender, investigar. Conceber a educação é tecer a teia epistemológica a cada instante, época, crise da humanidade. Tecer incansavelmente, como tecia Penélope à espera de Ulisses. O que se tece na luz se desmancha na escuridão. Renova-se a cada dia a peregrinação literária em busca de sustento para a alma. A cada dia, os educadores tecem conceitos, práticas pedagógicas, com o objetivo de formar a pessoa humana com certas habilidades, com valores éticos, enfim, um ser humano identificado com a questão humana. Busca-se equilibrar o ser humano, a fim de que os avanços tecnológicos estejam também refletidos no seu espírito; espírito repleto de humanidade, solidariedade, ética.

Essa identidade não é concedida ao homem. Ela deve ser construída. A educação, a escola de modo especial, é o chão para tal edificação. Escola enten-

dida como espaço de reflexão, não somente espaço físico. Reflexão que envolve todos os membros da humanidade, de modo particular os pais, filhos, profissionais da educação.

Segundo Berger e Luckmann (2007, p. 125), a identidade é formada por processos sociais e, quando cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. É a estrutura social quem determina os processos sociais. Percebem-se os tipos de identidade na vida cotidiana.

Finalmente, a própria identidade (o eu total, se preferirmos) pode ser reificada tanto a do indivíduo quanto a dos outros. Há então uma identificação total do indivíduo com as tipificações que lhe são socialmente atribuídas. É apreendido como não sendo *nada senão esse tipo*. Essa identificação pode ser positiva ou negativamente acentuada em termos de valores e emoções. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 125, grifo nosso).

Aqui a reificação é o modo de como aprendem os produtos da atividade humana. Aprende-se como se pertencessem à natureza humana, vontade divina. De forma desconectada do homem. Pode-se dizer que o homem esquece o próprio mundo por ele criado.

Trabalhar e pensar a educação traz muitas dúvidas e desafios, mas também uma certeza: o homem pode mudar o que ele próprio criou. Razão pela qual tem o compromisso de restabelecer o equilíbrio e a harmonia da vida do planeta que habita!

### ***The school as a socially built institution***

#### *Abstract*

*The object of this article is to talk about the school nature, not only as producer and knowledge reproduction, but also as a transformation space and man humanization. Discuss the role and function of the closeness school in society. Investigate the institutional character school, where and how to respond to social necessity and survival, and its institutional aspect, the human consequences of production, culture, socially cons-*

*tructed, as we do the education way. From reflections to rethink the school, education. Show possible pedagogical paths for the school contribute effectively in the man humanization, for a habitation and use the biosphere resources in a responsible way, sustainable, so that whole society understands the planetary life in solidarity way, ethics, and reconnect the global human identity. Regenerate the epistemological paradigms for humanity to overcome barbarism, hunger, social inequality, the prejudice, lack of love, hatred.*

*Keywords: School. Knowledge institutionalized. Individual socialization (human conduct). Environment and human nature. Human planetary identity.*

## REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

Recebido em 12 de dezembro de 2008

Aceito em 17 de março de 2009

